Revista Diversidade e Educação

UM BREVE ENSAIO SOBRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

UN CORTO ENSAYO SOBRE LA MASCULINIDAD HEGEMÓNICA

A BRIEF STUDY ON THE HEGEMONIC MASCULINITY

Shay de los Santos Rodriguez [1]

RESUMO
O seguinte texto tem o intuito de problematizar em um âmbito da arqueologia de gênero e queer, a masculinidade hegemônica.Para isso, foi necessário discorrer, brevemente sobre quem pertence ao modelo hegemônico e quem não pertence. A prática metodológica foi através de um exercício etnográfico e observação participante para assim elaborar maneiras de reflexão e questionamentos sobre o está dado e inquestionável: a masculinidade.
PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade hegemônica. Masculinidades. Arqueologia de gênero.

RESUMEN
El siguiente texto pretende problematizar, en un contexto de género y arqueología queer, la masculinidad hegemónica. Para esto, fue necesario discutir brevemente quién pertenece al modelo hegemónico y quién no. La práctica metodológica fue a través de un ejercicio etnográfico y observación participante para elaborar formas de reflexión y preguntas sobre lo que se da e incuestionable: la masculinidad.
PALABRAS-CLAVE: Masculinidad hegemónica. Masculinidades. Arqueología de género.

ABSTRACT
The following text is intended to problematize, in a context of gender and queer archeology, hegemonic masculinity. For that, it was necessary to briefly discuss who belongs to the hegemonic model and who does not. The methodological practice was

[1] Primeiro homem trans arqueólogo no Brasil pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Se auto intitula como arqueólogo transviado. Atualmente é estudante de Mestrado em Educação na FURG, com a linha de pesquisa sobre culturas, identidades e diferenças.

(cc) BY-NC-SA

through an ethnographic exercise and participant observation in order to elaborate ways of reflection and questioning about what is given and unquestionable: masculinity.
KEYWORDS: Hegemonic masculinity. Masculinities. Archeology of gender.

* * *

"Se unam, não oprimam os nossos irmãos oprimidos, já por tanta transfobia e sofrimento. Um transmasculino não precisa ser sarado, nem ter barba, nem se hormonizar ou ter pênis e se operar. Basta saber quem são e que sente do gênero masculino. Vamos nos respeitar, nos unir, nos fortalecer e, sobretudo, ensinar os homens cis o que é ser um homem sem medo do feminino".

João W. Nery

Introdução

Este artigo se trata de uma tentativa escrita sobre problematização da masculinidade hegemônica, com base em observações participantes e exercício etnográfico. Mas o que se entende de modo geral sobre a masculinidade? A masculinidade pode ser como um aglomerado de ideias e atos que em uma sociedade determinada é definido, e também são próprias para aplicar ao ser humano que nasce com um pênis, e assim são atribuídas todas as pautas na economia, na política e na sociedade em geral (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019, p. 16). O universo masculino dito ideal é traduzido nas categorias de: jovem, heterossexual, cisgênero[2], branco, forte, rico e viril. A prática da masculinidade hegemônica exige um controle das emoções e um silenciamento dos sentimentos. Reflete-se naquela máxima expressa na frase "homem não chora". E, também ao homem hetoronormativo é socialmente permitido fazer o que tiver vontade. Ele tem liberdade para fazer o que quiser. Porém, homens que não correspondem ao ideal masculinista, não tem os mesmos privilégios e são lidos como menos homens, no entanto não possuem a mesma liberdade do "fazer o que quiser".

[2] CISGÊNERO (do grego cis = em conformidade com; conforme + gênero) – a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros que, de muitas e variadas formas, se sentem desajustados em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer. Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

(cc) BY-NC-SA

Acredito que não há existência de uma masculinidade máxima, mas sim, múltiplas masculinidades, variadas, de todas as formas, jeitos e cores. No entanto, a nossa sociedade patriarcal privilegia sim uma masculinidade como certa e absoluta e sendo assim um modelo a ser seguido.

O modelo hegemônico

Segundo o psicanalista Calligaris (2009)[3] o corpo masculino é um paradoxo, pois os homens não têm corpo ou pelo menos não tinham até algum tempo atrás. O corpo do homem é silenciado, pois o homem é o sujeito que não é desejado. Ele é o que deseja, sendo o corpo desejado o da mulher. No entanto, o erotismo é evitado, mas é favorecida a ereção peniana, a estética do falo, o volume do pênis, e no sexo dá-se lugar à penetração. A liderança, a agressividade e a violência, são vistas como pertencentes ao mundo masculino. O modelo hegemônico de masculinidade, é um modelo perverso, é perigoso para a saúde física, mental e emocional dos homens, e assim para todas as pessoas.

Foi-nos ensinado que existe uma masculinidade superior às demais masculinidades. Uma masculinidade construída pelo patriarcado e que permanece forte e influente na sociedade ocidental capitalista. Estou falando do ser homem cis, branco, heterossexual, algo representante da heteronormatividade. Tudo que foge a uma dessas características são componentes das masculinidades subordinadas à masculinidade hegemônica. Umas das principais estudiosas das masculinidades é Raewyn Connell. E, para ela, a "masculinidade hegemônica é uma configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres" (apud SILVA, 2006, p. 121). A masculinidade por si só é dita como um conceito que se entende majoritariamente por atributos como: dominação, força, competição, controle, segurança, proteção, determinação, etc. A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia que privilegia alguns e desfavorece quem não cumpre as categorias de hegemonia.

> A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica

[3] Canal do Youtube: Percy Reflexão - Café Filosófico: O corpo masculino – Contardo Calligaris, Publicado em: 29/06/2009, link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=3lmXN3aqBIc&t=918s. Acesso: 24/05/2018.

(cc) BY-NC-SA

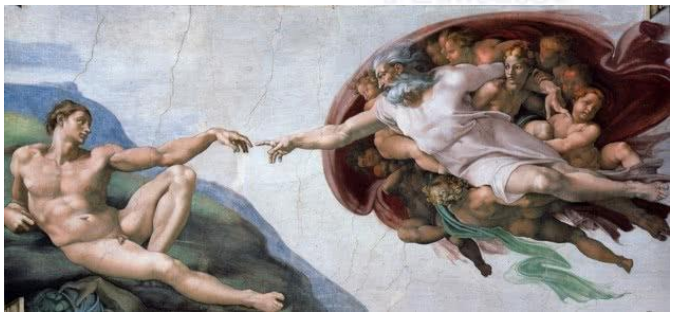
> não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A masculinidade hegemônica está refletida em múltiplas coisas que nos rodeiam e é materializada cotidianamente, e isso não é de agora. Na era medieval o ser humano se entendia como uma criação feita por e para Deus. No Gênesis (1,27) aponta que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus.

> A falar com exação, deve-se dizer que o homem foi criado conforme a imagem de Deus, pois, estritamente falando, somente Cristo é a imagem Deus (Col. 1, 15). Por isso, propriamente falando, "O homem é a imagem desta imagem de Deus"(grifo do autor), que é Cristo (BOEHNER & GILSON, 2000, p. 284).

A pintura que retrata muito bem esta ideia, é a de Michelangelo, denominada de "A Criação de Adão" (Figura 1). Um afresco pintado por volta de 1511. Nesta obra, é destacada a beleza de Adão (em seu corpo masculino) e de Deus (um deus masculino). Ao fundo há representação de um cérebro, significando um criador e o dono de sabedoria.

Figura 1. A criação de Adão



Fonte da imagem: https://www.culturagenial.com/a-criacao-de-adao-michelangelo

O iluminismo, entre os séculos XVII e XVIII, influenciou na criação de um pensamento hegemônico na sociedade ocidental, quando se estabilizou a identificação da masculinidade com a razão e foi uma parte importante para o surgimento de novas formas sexuais de poder. Segundo Mello e Donato (2011), a época das luzes levou à dissolução dos mitos e a substituição da imaginação pelo conhecimento do saber racional e cientifico. Fernandes (2014), em seu texto sobre a análise da obra de La Mettrie - "O homem-máquina", diz que o autor leva a concluir que fenômenos psíquicos

(cc) BY-NC-SA

poderiam ser explicados através dos efeitos e mudanças orgânicas no cérebro e no sistema nervoso e não sofrendo a ação de uma alma que controla o corpo (FERNANDES, 2014, p. 77). Mas esse pensamento de La Mattrie opõe-se ao da sua época, o iluminismo, da alma racional, pensante e responsável pelos fenômenos psíquicos e pelo comando do corpo. Nas palavras de La Mattrie:

> Não é maquinalmente que o corpo se retira, arrebatado pelo terror diante de um precipício inesperado? / (...) não é maquinalmente que agem todos os esfíncteres? / (...) que os músculos eretores elevam o pênis no homem? (MURTA & FALABRETTI, 2015, p. 85, apud LA METTRIE, 1981, p. 193).

A modernidade, portanto, trouxe uma ruptura com a tradição, dando uma conotação dita positiva em direção ao progresso. O ser humano moderno rompe com as ideias medievais e se aconchega na razão, podendo ter o absoluto poder de separação com uma força divina. Na modernidade o ser humano é o centro do mundo. Assim, a sociedade consumista e, de modo mais generalizado, "a modernidade, da qual ela é a manifestação mais explícita e o sintoma mais agudo - pode ser compreendida como aquela que assiste ao fim das tradições" (ROCHA, 2005, p. 113). Com a formação do capitalismo, a racionalidade foi cada vez mais sendo associada com o mercado econômico, sendo fonte de todo o valor.

No existencialismo ateu de Sartre, por exemplo, o significado de que a existência precede a essência, diz respeito à existência do ser humano, do encontro de si mesmo, o seu surgimento no mundo que só posteriormente, portanto, se define. De início não poderá se definir, pois não é nada, apenas posteriormente haverá de ser alguma coisa e aquilo que se fizer de si mesmo. A humanidade detém de uma natureza humana. Essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todas as pessoas, o que significa que cada ser humano é um exemplo particular de um conceito universal: o ser humano (SARTRE, 1970, p. 4). O primeiro princípio do existencialismo é que o ser humano nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo.

Longe de essencialismos, a existência humana que pauta a hegemonia masculina está inserida no conceito de androcentrismo. Como a palavra mesmo (andro = homem e centrismo = no centro) indica o homem está no centro de tudo e os estudos com um viés androcentrista abordam o homem como um agente principal, dando ênfase a sua superioridade masculina e, portanto, política no mundo (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2019, p. 21). Na visão de Jane R. Silva (2016), o androcentrismo

(cc) BY-NC-SA

tecnológico, por exemplo, é uma lógica que considerou, inadequadamente, que nas sociedades onde homens desempenhavam o papel de provedor do sustento seriam eles os desenvolvedores de ideias e ações centrais à sobrevivência da humanidade. É inegável, portanto, que essa visão androcêntrica carrega um determinismo biológico e esboça construções a partir de relações de poder. Da mesma forma como eliminam e excluem as ações de mulheres que foram pioneiras e desenvolvedoras de tecnologia (SILVA, 2016, p. 2).

O androcentrismo é uma das principais características que compõe uma sociedade patriarcal, e adquire uma postura, segundo Oliveira (2004), no qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são evidenciadas a partir de uma perspectiva unicamente masculinista, e consideradas como adequadas para a maioria das pessoas, tanto de homens como de mulheres. Portanto, as categorias e experiências masculinas são tidas como universais para todas as pessoas. E essas categorias hegemônicas são continuamente reforçadas através de termos, por exemplo, como "A origem do homem", "Os homens pré-históricos", "Os romanos", etc. são entendidos, teoricamente, como englobantes tanto para mulheres como para homens (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 18). E a Arqueologia, durante todo o século XX (e ainda hoje), sempre associou as práticas de guerra, caça, poder e prestigio como atributos e papéis exclusivamente masculinos. Ao passo que as mulheres eram vistas (e ainda são) com uma atitude submissa e passiva perante os "homens", desenvolvendo atividades de cuidado da prole, alimentação, etc. Tais atividades por serem consideradas como femininas são historicamente classificadas como secundárias, sem fundamental importância sócio-política (DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 19-20).

Segundo Connell (2016) homens e meninos são, de maneiras significativas, os que controlam o acesso da igualdade de gêneros. "Uma pergunta estratégica é: eles estão dispostos a abrir as portas?" (CONNELL, 2016, p. 91). Para Connell (2016) as masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. "E esses padrões são criados por intermédio de um processo histórico com dimensões globais" (p.94).

No cotidiano se encontram ferramentas que reforçam as ordens binárias de gênero, como por exemplo, nos livros sobre como criar meninos, analisados por Connell (2016) no capítulo seis de sua obra "Gênero em termos reais". Estes livros propagam discursos com base em perspectivas estereotipadas de masculinidade. Connell questiona bastante as perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade. Pois nem todo homem

(cc) BY-NC-SA

é agressivo, machista, pratica estupro ou tem um pênis. Muitos homens não representariam o sistema e as práticas patriarcais machistas, mas o fazem, conforme mencionamos com Sartre (1970), ao terem suas existências masculinas desenhadas desde múltiplos fatores de influência, como por exemplo: mídia, educação, controle social, religião, etc.

O senso comum trata a heterossexualidade como algo natural, mas na verdade somos ensinados a sermos heterossexuais. E a heterossexualidade é dita como importante na construção da masculinidade. Mas existe uma variedade de masculinidades, o significado de masculino pode variar de regiões, países ou continentes. Connell (2016) cita Joaquim Kersten (1993) a respeito de uma subcultura no Japão onde o estilo masculino beira a travestilidade. A emergência de um estilo queer[4] na vida urbana a nas casas noturnas de shows também quebra com as oposições rígidas de gênero (CONNELL, 2016, p. 152, apud KERSTEN, 1993).

Não é preciso se agarrar com unhas e dentes na masculinidade hegemônica dominante e heterocentrada, não é preciso ter um corpo musculoso e forte, não é preciso cancelar os sentimentos e as emoções, não é preciso forçar grosseria e rigidez, não é preciso odiar o feminino e não é preciso ter nascido com um pênis para ser homem. Pare e pense, ser homem é só aprender a ser. A biologia e a anatomia não são o destino, ser o que é, é um processo de aprendizado.

Metodologia e prática etnográfica

A minha etnografia é do hoje, do cotidiano e de alteridade mínima, no qual eu faço parte dela e segundo a Peirano (2008/2014), é uma experiência vivida. Peirano (2014) problematiza a noção de método etnográfico, afirmando que é complexo. A autora faz um relato de um momento do seu cotidiano, e pergunta: “o que eu estava fazendo no posto eleitoral? Simplesmente me recadastrando…? Ou fazendo etnografia? Ou as duas coisas?” A partir desse episódio, se torna óbvio para Peirano, que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são

[4] QUEER – palavra em inglês que originalmente significa anormal, devasso, tarado, depravado. Considerado até recentemente como ofensiva e difamatória, a palavra queer tornou-se representativa e passou a designar toda uma corrente de pensamento e pesquisa acadêmica que luta contra a heterossexualidade compulsória e faz oposição sistemática aos binarismos fáceis homem-mulher, por exemplo. Queer também tem sido usado como um rótulo para identificar discursos, ideologias e estilos de vida que tipificam o universo LGBT dominante. (Veja bicha, transviado). Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

(cc) BY-NC-SA

arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas natives/etnógrafes (PEIRANO, 2014, p. 379).

Então, para Peirano (2014) etnografia não é método e toda etnografia é também teoria. Em 2008, a mesma autora enfatiza que a união da etnografia e da teoria não se manifesta apenas no exercício monográfico, esta união está presente no dia-a-dia acadêmico, em sala de aula, nas trocas entre professores e estudantes, nos debates com colegas e pares, e, especialmente, na transformação em fatos etnográficos de eventos dos quais participamos ou que observamos. Dessa perspectiva, etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação (PEIRANO, 2008, p. 3). Portanto, uma boa etnografia não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida, uma prática vivida. Apresento aqui um breve relato etnográfico sobre a percepção e observação que tive em relação de uma prótese peniana de Sex Shop sobre os olhares de outras pessoas. Saliento que minha observação é participante, pois segundo Gil (2008) ela fundamentasse na participação da vida em coletivo, no grupo, no interior. E ainda mais eu sendo membro do grupo em análise: os homens.

No mês de outubro de 2017, na época do Halloween, trabalhei em uma festa na qual eu fazia parte da organização, minha tarefa era de receber as pessoas convidadas na porta do local festivo e pedir os seus contatos (número do WhatsApp) para assim que houvesse uma próxima festa, todes seriam noticiades pelo celular. Se tratava de uma festa a fantasia, portanto eu estava usando uma fantasia, mas como tinha que estar anotando todos os contatos em um caderno, resolvi decorar a minha caneta, e a decoração mais apropriada que me dei ao luxo de enfeitar, foi colocar uma prótese peniana de 10 cm comprada em uma loja de Sex Shop em Rio Grande. Essa prótese peniana tinha um buraco no seu centro, então eu introduzi a caneta na prótese, logo todes que passavam por mim, se deparavam com a prótese peniana acompanhando a minha escrita. Foi uma comoção, apesar de seu tamanho dito pequeno, a prótese fez muito sucesso, também causou revolta, alguns graus de superioridade e orgulho para algumas pessoas em particular. Enquanto pessoas ditas mulheres e homens ditos gays fizeram a festa com a prótese, queriam tocar, beijar, pegar e não se sentiram incomodades de nenhum jeito com o tal objeto, teve outras pessoas que não partilharam

(cc) BY-NC-SA

da mesma empolgação. Nem preciso fazer muito suspense para revelar quais são as pessoas em questão. Parece que a presença de outro pênis, mesmo que seja uma representação fálica do órgão genital dito masculino, causa incomodo para alguns homens cisgêneros e heterossexuais. As reações contemplavam uma virada do rosto, não querer passar o contato do celular, passar reto da minha direção, piadinhas sobre o tamanho da prótese peniana, como a famosa frase mais ouvida: "o meu é maior". Afirmações carregadas de desprezo e um orgulho elevadíssimo em relação ao tamanho de seus pênis, que segundo eles, "eram bem maiores que o meu". Esse episódio pelo qual eu passei confirmou ainda mais as perspectivas que tinha sobre a relação do homem com o pênis, e sem falar nas leituras que vinha acompanhando sobre o tema. Sem dúvida o homem é condicionado a ter orgulho do seu pênis, especialmente quando o pênis tem um tamanho consideravelmente grande. Com isso observasse um determinismo biológico e essencialista do corpo dito masculino, pelo qual o homem tem que ter um pênis e esse pênis tem que ser grande. Mas esse fato fere muitas pessoas, pessoas que nascem com vagina e se identificam como homens, - esse fato me fere - e para se adequarem ao sistema popular e passarem a serem vistos como "homens de verdade", são condicionados a adquirirem um pênis. E os homens que não querem ter um pênis? Ou então nasceram com um pênis dito pequeno? Não são homens de verdade? Busco a destruição da masculinidade hegemônica e a construção de novas categorias de masculinidades com "s", masculinidades plurais e diversas. Não existe uma masculinidade, mas sim várias. Sem teorias genitalistas rasas acercas dos corpos. O órgão genital não será um fator decisivo para identidades de gênero, o pênis não definirá o homem.

Uma arqueologia que problematiza a masculinidade hegemônica

Com tudo isso, é notável que o que estou relatando aqui se trata de uma Arqueologia de gênero com ênfase nas masculinidades ou melhor uma Arqueologia Queer.

> Em 1990, numa conferência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, Teresa DeLauretis propôs que se chamasse de "teoria queer" um necessário novo modo de pensar capaz de romper com as classificações binárias de gênero e a compulsoriedade arbitrária da heterossexualidade, e, assim, fosse estabelecida a fluidez do conceito

(cc) BY-NC-SA

> de identidade (GONTIJO & SCHAAN, 2017, p. 54 apud DE LAURETIS, 1991).

Não concordo com as construções binárias de gênero, de homem ou mulher, e concordo com Sene (2017) sobre essa categoria não ser adequada para Arqueologia, pois como ela diz, "não dá conta de todas as performances[5] individuais dentro de uma intensa complexidade social" (SENE, 2017, p. 164). Em uma perspectiva da Arqueologia feminista, para Scott (1995) o "gênero" parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo e indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O parâmetro central da arqueologia de gênero a princípio foi definido a partir da diferenciação entre o gênero e o sexo.

> O Sexo, feminino ou masculino, seria biologicamente determinado, com base nos cromossomos, hormônios, aparência genital e porções ósseas específicas. Já o Gênero, homem ou mulher, seria visto como uma construção social, pois envolve o desempenho de papéis sociais na sociedade (SENE, 2017, p.165).

Mas os sujeitos-homens só recentemente estão sendo estudados na perspectiva de gênero em arqueologia, com foco no processo de construção das masculinidades. Segundo Benjamin Albert (2006), "os homens têm sido historicamente mais visíveis, mas seus gêneros não" (SENE, 2017, p.165 apud ALBERT, 2006, p.401).

SCOTT (1995), tendo como referência as ideias de Nathalie Davis, aponta:

[5] PERFORMATIVIDADE (inglês: performativity) – trata-se de uma performance de gênero "não deliberada" pela pessoa, mas que lhe foi socialmente imposta, através de discursos sociopolíticos normalizadores de gênero. Enquanto a performance é sempre, de alguma forma, resultante da vontade deliberada do ator em representar um papel, na performatividade o ator não tem outra escolha senão representar os papéis sociais que lhe foram impostos em razão do seu sexo biológico. Performatividade traduz, assim, a ideia de que gênero somente existe e sobrevive graças ao esforço contínuo e reiterado das pessoas para se enquadrarem e reproduzirem o respectivo discurso de gênero associado ao seu sexo biológico. O conceito de performatividade sugere a total impossibilidade da existência de um "sujeito generificado" anterior às normas sociais de identidade de gênero. O conceito de gênero como fato social essencialmente performático desempenha papel central na Teoria Queer, em que uma das colocações mais fundamentais é que identidade de gênero não é algo fixo e muito menos natural em cada pessoa, mas móvel e fluido. Esse é um dos pilares conceituais do trabalho de Judith Butler, que afirma não existir nenhuma materialidade do sujeito fora das normas de enquadramento a que ele é submetido. Homem e mulher não são seres materiais, mas seres que incorporam o discurso social que permanentemente reifica homem e mulher: o discurso da masculinidade e o discurso da feminilidade. Simone de Beauvoir já tinha afirmado isso no segundo volume da sua obra O Segundo Sexo, ao dizer "ninguém nasce mulher: aprende a ser". Mais recentemente, RuPaul, a famosa dragqueen norte-americana, fez a mesma afirmação de uma maneira jocosa, dizendo que "todo mundo nasce nu; o resto é drag". Ou seja, gênero nada mais é do que "performance de gênero". Fonte: www.leticialanz.blogspot.com.br.

(cc) BY-NC-SA

> Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (SCOTT, 1995, p.72 apud DAVIS, 1975).

Não se deve analisar sobre um aspecto isolado, é preciso estudar todas as relações que envolvem tal aspecto. Segundo Norbert Elias (1994) a sociedade é todes nós. Se trata de uma porção de pessoas juntas, indivíduos formam a sociedade, então toda sociedade é uma sociedade de indivíduos.

> Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente na realidade, verificamos, como naquele quebra-cabeça cujas peças não compõem uma imagem íntegra, que há lacunas e falhas em constante formação em nosso fluxo de pensamento (ELIAS, 1994, p.16).

Para uma melhor compreensão, de que é uma tarefa falha analisar apenas um fato isolado, Norbert Elias (1994) cita um exemplo de Aristóteles, sobre a relação entre as pedras e a casa. Aponta que é difícil compreender a estrutura da casa por inteiro apenas pela contemplação isolada de uma pedra que a compõem e, muito menos, é possível compreendê-la pensando na casa como unidade total, um amontoado de pedras sem relação organizativa.

Dessa maneira, retomando o pensamento de Scott (1995), é preciso ter uma visão mais global e usar três categorias para entender uma nova história: gênero, classe e raça. Assim, as respostas feitas sobre questões de gênero dependem do gênero como uma categoria de análise histórica. O uso do gênero coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo e nem determina diretamente a sexualidade. Portanto, sexo é diferente de gênero. Para Scott (1995) o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Gênero é poder. Gênero significa relações de poder. Relações que, conforme seu arranjo político, configuram uma ordem social de poderes. “Assim [...] gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e a raça” (SCOTT, 1995, p.93).

(cc) BY-NC-SA

Para Díaz-Andreu (2005), por sua vez, o gênero é definido como a própria identificação de um indivíduo e a própria identificação por outres a uma ou várias categorias de gênero particulares sobre a base da diferenciação sexual socialmente percebida. Para Saffioti (2009, p. 1) o gênero é fato socialmente construído, "mas desde que se considere o substrato material"– o corpo – sobre o qual a sociedade está inserida.

E o sexo é natural? Para Butler (2003) sexo é, assim como o gênero, uma construção.

> Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado "sexo" seja culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nula (JUDITH BUTLER, 2003, p. 27).

Então se tudo é construção, podemos dizer que a Biologia não é um fator determinante, não é o destino, mas a cultura é o destino? Os limites da análise discursiva do gênero segundo Butler (2003) presume e determina por antecedência as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Esses limites sempre se afirmam conforme os "termos de um discurso cultural hegemônico", com base nas estruturas binárias que se manifestam como a "linguagem" racional e "universal" (BUTLER, 2003, p. 30-1). Nas palavras de Lanz (2014) o gênero não é uma "verdade psíquica", interna e profundamente criado e camuflado, e não pode ser reduzido a uma modesta aparência superficial do corpo vestido. Consequentemente, dessa maneira, a parte do gênero que é performatizada vai estabelecer a "verdade do gênero" (LANZ, 2014, p.65). Nós performatizamos o gênero no nosso dia a dia, nos vestimos e agimos e fazemos o gênero, assim como o sexo também, seja quem for ou como fazemos. E segundo Giddens (2005):

> Os indivíduos podem escolher entre construir e reconstruir seus corpos como bem desejarem – por meio de exercícios, dietas, piercings, adotando um estilo pessoal, submetendo-se a cirurgias plásticas e operações de mudança de sexo (GIDDENS, 2005, p.106).

Sene (2017) ressalta a importância da pesquisa arqueológica de gênero para um estudo não apenas relacionado aos papéis sociais de mulheres, mas, também, de homens e outres (sempre que possível), para uma aproximada relação de "complementaridade e reciprocidade com enfoque PLURAL. Lembrando sempre que papéis, identidades e sexualidades alteram-se ao longo do tempo e do espaço" (SENE, 2017, p. 171).

(cc) BY-NC-SA

O que é ser homem para mim, pode não ser homem para outra pessoa? Mas afinal o que é ser homem? O que é ser masculino? O que é masculinidade? Quanto mais leio e estudo sobre questões de gênero, percebo que as perguntas são feitas de formas equivocadas, por que, afinal, não existe uma maneira certa de ser homem, mas existem variados modos de ser homem, não há apenas uma masculinidade, mas várias. E o grande problema está na desconstrução social, cultural e, portanto, política, de um modelo específico de masculinidade que se põe de forma hegemônica.

E evidentemente, nos dias que correm, a educação é o dispositivo de pura conservação das ordens sociais de identidade de gênero, porém, pode se tornar a ser o enorme dispositivo para liberar o diálogo e a compreensão de gênero. Ensinar sobre questões de gênero nas escolas não é somente algo relevante, é de extrema importância, essencial para a humanidade e o exercício dos direitos humanos no nosso corpo social. Como afirma Lanz (2018) "a ignorância é a mãe de todos os preconceitos e a educação é o único instrumento capaz de combater a ignorância" (LANZ, 2018, p. 64).

Conclusão

Não pensar e questionar a figura do ser homem é reconhecer essa figura como natural. E é o papel da arqueologia ou pelo menos eu o faço, de usa-la "como fonte para desafiar aquilo que tomamos como dado" (KOIDE, FERREIRA & MARINI, 2014, p.558). Ou melhor, a arqueologia é como uma prótese, uma extensão que provoca um desenvolvimento e assim me auxilia nos questionamentos e problematizações da masculinidade hegemônica tida como um fato a não ser questionado. E assim como o fazer arqueológico, acredito que podemos usar a educação como uma prótese para combater as normas binárias e perturbadoras de gênero. Os homens gays, negros, trans, são, por exemplo, menos homens que do o homem cis, branco e heterossexual. Existem várias masculinidades, diversas formas de ser masculino e performatizar a masculinidade. O meu intuito no texto não foi de dizer o que é masculinidade, nem de explica-la, mas sim de refletir brevemente acerca da masculinidade hegemônica, um exercício de questionamento.

Referências

(cc) BY-NC-SA

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). ***A dominação masculina***. Tradução Maria Helena Kohner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.
BUTLER, Judith. ***Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade***. 13ª edição. Rio de janeiro. Ed. Civilização brasileira, 2017. 287p. (Coleção Sujeito&História).

CARRASCO PAGNOSSI, Nádia. ***Construindo uma arqueologia de gênero***. Revista Arqueologia Pública, Campinas, SP, v. 11, n. 1[18], p. 50-66, jul. 2017. ISSN 2237-8294. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8646482. Acesso em: 09 jul. 2018. doi:https://doi.org/10.20396/rap.v11i1.8646482.

CONNELL, Raewyn. ***Gênero em termos reais***. Editora Nversos, 2016.

CONNELL & MESSERSCHMIDT. ***Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. "***Género y arqueologia: uma nueva síntesis***". In: ROMERO, Margarita Sanches. ***Arqueología y género***. Granada: Editorial Universidad de Granada. Pp. 13-51. 2005. Disponível em: http://arkeobotanika.pbworks.com/f/D%C3%ADaz-Andreu+05+Género.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

ELIAS, Norbert. ***A sociedade dos indivíduos***. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1994, p. 13-60.

FERNANDES, L. M. ***O homem-máquina de La Mettrie***. REVISTA ALAMEDAS Vol. 2, n.1, 2014. Disponível em http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/10463/8170. Acesso em: 13 jun. 2018.

GIDDENS, Anthony. ***Sociologia***. Porto Alegre. Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos e técnicas de pesquisa social*** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdfAcesso em: 26 mai. 2018.

GONTIJO, Fabiano e SCHAAN, Denise. ***Sexualidade e Teoria Queer: apontamentos para a Arqueologia e para a Antropologia Brasileira***. In: *Revista de Arqueologia*. V 30, n, 2, p. 51-70. 2017. Disponível em: http://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB. Acesso em: 06 abr. 2018.

KOIDE, K., FERRE*IRA, M.T. and MARINI, M.* **Arqueologia e a crítica feminista da ciência Entrevista com Alison Wylie**. *Sci. stud.* [online], vol. 12, nº 3, pp. 549-590. 2014. Disponível em: http://humanas.blog.scielo.org/blog/2014/12/19/entre-a-arqueologia-a-filosofia-da-ciencia-e-o-feminismo. Ou em

(cc) BY-NC-SA

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662014000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 jun. 2018.

LANZ, Letícia. ***O corpo da roupa*****:** a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2ª edição. Curitiba: Movimento Transgente, 2014. 456p.

LANZ, Letícia. ***Porque tenho medo de lhe dizer quem eu sou***. In: Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação. / Organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro...[et al.]. – Rio Grande: Ed. Da FURG, 2018. 215p.

MELLO, V. D. S. de; DONATO, M. ***O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático***. Revista Crítica Histórica, v. 2, n. 4, p. 248-264, dez. 2011. Disponível em http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2776. Acesso em: 15 jun. 2018.

MURTA, Claudia, FALABRETTI, Ericson. ***O autômato: entre o corpo máquina e o corpo próprio*****.** Revista Natureza Humana. v. 17, n. 2 (2015). Disponível em: http://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/214. Acesso em: 13 jun. 2018.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. ***Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica***. Revista Seqüência, n.º 48, p. 41-72, jul. de 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15232/13852. Acesso em: 12 jun. 2018.

PEIRANO, Mariza. ***Etnografia Não é Método***. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104- 71832014000200015Acesso em: 10 jun. 2018.

PEIRANO, Mariza. ***Etnografia, ou a teoria vivida*****.** Ponto Urbe [online], 2 | 2008. Disponível em: http://journals.openedition.org/pontourbe/1890. Acesso em: 09 jun. 2018.

ROCHA, Silva Pimenta Velloso. ***O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. Comunicação, mídia e consumo***. São Paulo. Vol. .2 n.3 p.111 – 122 marco, 2005. Disponível em http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/28. Acesso em: 12 jun. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. ***Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres***. In: *Série Estudos e Ensaios/ Ciências Sociais*. FLACSO – Brasil, junho, 2009. Disponível em: http://www.ssp.rs.gov.br/upload/20121031105350ontogenese_e_filogenese_do_genero.pdf. Acesso em: 11 jul. 2018.

SARTRE, Jean-Paul***. L' Existentialisme est un humanisme***. Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

(cc) BY-NC-SA

SCOTT, Joan W. ***Gênero: uma categoria de útil de análise histórica***. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez, 1995.

SENE, Glaucia Malerba. ***Pela Materialidadedos gêneros: repensando dicotomias, sexualidades e identidades***. In: *Revista de Arqueologia*. V 30, n, 2, p. 162-175. 2017. Disponível em: <http://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB>. Acesso em: 14 jul. 2018.

SILVA. Jane Reolo da. ***O androcentrismo tecnológico e o empoderamento feminino***. FabLearn 2016. Disponível em: https://fablearn.org/wp-content/uploads/2016/09/FLBrazil_2016_paper_168.pdf. Acesso em: 23 mai. 2018.

SILVA, Sergio Gomes da. ***A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista***. Psicologia ciência e profissão, 2006, 26 (1), 118-131. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf. Acesso em: 05 Abr. 2018.

Recebido em outubro de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA